

O latim na literatura brasileira: enfeitar, impressionar, ridicularizar

José Amarante Santos Sobrinho
Letras/UFBA

Resumo

Decorrente das atividades de pesquisa desenvolvidas a partir do projeto *Em busca de fontes para uma história social do latim no Brasil*, este artigo apresenta algumas discussões em torno dos usos do latim na literatura brasileira, principalmente, e das representações, muitas vezes em tom cômico, que esses usos estabelecem. Assim, em algumas cenas, passeamos por momentos e por autores de nossa literatura, em especial por obras de Gregório de Matos e de Machado de Assis, observando que, muitas vezes, os usos do latim em nossas terras e em nossa literatura terminam por funcionar como formas de enfeitar, impressionar ou ridicularizar.

Palavras-chave: Latim no Brasil. Literatura brasileira. Gregório de Matos. Machado de Assis.

Situando a questão

Em pesquisas que temos desenvolvido na Universidade Federal da Bahia, a partir do projeto *Em busca de fontes para uma história social do latim no Brasil*, temos buscado estabelecer, em relação aos usos do latim no Brasil, as possíveis fontes a serem analisadas, aqui já considerando como possíveis fontes os *discursos*, as *práticas* e as *representações* (CHARTIER, 1999; CASTILLO GOMÉZ, 2003). Temos, também, considerado a análise, em relação à realidade brasileira, dos três domínios linguísticos principais sugeridos por Burke (1995) em que o latim foi empregado na Europa pós-medieval: o domínio eclesiástico, o acadêmico e o pragmático.

Para efeito, então, de definição de fontes, consideramos o cruzamento (tipos de fontes x tipos de domínios) entre as propostas de Chartier (1999) e Castillo Gómez (2003) e as de Burke (1995), conforme

se vê, no quadro que se segue, em que se consideram as especificidades do latim. Note-se que, por conta do foco neste artigo, são detalhadas apenas as possíveis fontes de representações.

Quadro 1 – Cruzamento entre os tipos de fontes e os domínios de uso do latim para o trabalho em História Cultural

	DOMÍNIO ECLESIAÍSTICO	DOMÍNIO ACADÊMICO	DOMÍNIO PRAGMÁTICO
Fontes dos DISCURSOS sobre o latim no Brasil			
Fontes das PRÁTICAS do latim no Brasil			
Fontes das REPRESENTAÇÕES sobre saber latim no Brasil	Documentos normativos da Igreja ou cartas de membros da Instituição que explicitem algum juízo de valor sobre o saber/não saber latim.	Textos em capítulos de livros metodológicos ou em prefácios de obras em que se trata “das utilidades” e “da importância do latim”, observando as representações de sociedade e de formação veiculadas.	Textos de jornais, de diferentes épocas, em que se utilizem referências a pessoas, com juízo de valor sobre o saber/não saber latim; <u>textos literários que emitam juízos de valor sobre o latim ou sobre o saber latim.</u>

Neste artigo, pretendo me centrar na análise das representações sobre o latim no Brasil e no domínio pragmático (textos literários), mais especificamente quero apresentar alguns dados, por nós colhidos e por nossos orientandos, que nos mostram o uso do latim para impressionar, para enfeitar e para ridicularizar, em cenas escolhidas dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX. Em algumas das cenas, ainda que o objeto analisado não seja o latim na literatura brasileira propriamente dita, mantivemos uma análise fora do território literário de forma a observar que certas representações sobre o latim são generalizadas em perspectiva histórica.

1. Latim x vernáculo

Nos primeiros momentos de implantação do latim no Brasil, sua convivência com o vernáculo, numa espécie de equilíbrio diglósico (MAIA, 2010), se dá com diferentes posturas de valoração: o latim como língua de cultura e erudição e o vernáculo como língua cotidiana e dos usos informais de comunicação dos portugueses, já que a necessidade de aprendizagem das línguas indígenas se tornou imperativa para o trabalho colonizador. Em 1549, data em que ocorre a chegada dos primeiros jesuítas ao Brasil, o vernáculo português está em seus primeiros momentos de standardização, com a edição de suas primeiras gramáticas, a de Fernão de Oliveira (1536, *Grammatica da lingoagem portuguesa*) e a de João de Barros (1540, *Grammatica da lingua portuguesa*). Segundo Maia,

entre o início do séc. XIII e as primeiras décadas do século XVIII, a língua completou os quatro critérios ou atributos propostos por William Stewart para o estabelecimento de uma tipologia sociolinguística das línguas: a standardização, a autonomia, a historicidade e a vitalidade” (2010, p. 29).

Nas relações que se estabelecem entre o latim e o português, observam-se diferentes pesos a cada um desses atributos no correr do tempo, o que culminará com maior vitalidade do português e menor do latim:

Quadro 2 - Comparação entre os comportamentos do latim e do português nos quatro atributos para o estabelecimento de uma tipologia sociolinguística das línguas

	1ª etapa Até sec. XVI		2ª etapa Séc. XVIII	
	latim	português	latim	português
estandardização	+	-	+	+
autonomia	+	-	-	+
historicidade	+	-	+	+
vitalidade	+	-	-	+

O impacto da gramatização dos vernáculos, de sua estandardização, e da crescente atividade de imprensa fará com o que o latim se circunscreva a alguns domínios específicos, em cada um dos quais variando, ampliando ou arrefecendo seu uso. Evidentemente, também, uma das formas de sobrevivência do latim se enquadra no que poderíamos chamar de “uso do latim para enfeitar, impressionar ou ridicularizar”. E a literatura é um terreno em que ele se mantém. Vejamos, então, algumas das cenas por nós escolhidas entre as coletadas nas pesquisas que temos desenvolvido junto a alguns dos orientandos de iniciação científica (PIBIC).

2. Cena um: o século XVII

A partir de estudos prévios realizados para a escrita de nossa tese de doutorado, Sílvio Bernal (2011/2012), investigando as representações sobre o saber latim em obras literárias, apresenta algumas reflexões sobre as representações do latim (e do saber latim) na obra de Gregório de Mattos e, como veremos mais à frente, na obra de Machado de Assis, apontando usos em que a cultura clássica como um todo se faz presente (BERNAL, 2012).

Como sabemos, Gregório de Matos (1636 – 1695) nasceu em Salvador e iniciou aí seus estudos no Colégio dos Jesuítas. Mais conhecido pelas suas sátiras, terá como alvo de sua censura jocosa não apenas os letrados da terra, mas também os chegados de Portugal, caracterizados como “papagaios”, “asnos”, “nécios” (HANSEN, 2004, p. 472), como se observa na “crítica ao doutor Antônio Rodrigues da Costa, Cavalheiro do Hábito de Cristo, chegado de Portugal com um vestido verde e canhões de veludo, aborrecido por mau letrado e por jurista intruso” (HANSEN, 2004, p. 472), que papagaia num “arremedo de latim”:

Casus est iste, dizeis,
 reverente: é grão Latim!
 dissera um vilão ruim
 tirado ant’onte das cabras

tais latins, nem tais palavras?
vá lavar-se ao mar Euxino
o latim do Calepino,
e o do Padre Manuel Abrás. (OC, III, p. 718, grifo nosso).

Vê-se já aqui, nesse período, conforme está em Hansen (*ibidem*, p. 473) o fato de fazer mau uso do latim, de desconhecê-lo, ainda que numa tentativa de embelezamento do discurso, converter-se em objeto de sátira. O latim do Padre Manuel Abrás precisaria se tornar mais limpo assim como o do humanista Ambrogio Calepino, famoso por ter escrito um dicionário de latim que, embora cheio de imperfeições, tornou-se modelo de outras obras do gênero¹.

Gregório não poupa até mesmo o desconhecimento do mínimo da língua, conforme podemos observar numa crítica que encontramos ao vigário Antonio Marques de Perada, com presunções de sábio e engenhoso:

Este Padre Frisão, este sandeu
 Tudo o demo lhe deu, e lhe outorgou,
Não sabe musa musae, que estudou,
 Mas sabe as ciências, que nunca aprendeu.
 (OC, II, p. 286, frifo nosso).

Pela citação de Gregório, seria *musa, musae* o paradigma de então para a memorização da 1ª declinação? Seria o que para as propostas pedagógicas mais tradicionais de hoje é a declinação de *rosa, rosae*? Ou, antes, seria uma forma de ironia, mostrando que o padre mal manejava o latim, que desconhecia até a 1ª declinação e, dadas as possíveis pretensões poéticas do padre, que não era exímio na arte do verso, pela referência à figura da *musa*?².

Gregório também se utiliza do latim, mas não se percebe nele um uso da língua para impressionar, para mostrar-se erudito. O poeta utiliza a língua numa forma de associá-la aos membros da igreja, com suas frases feitas, e, dessa forma, fazer sua sátira:

Verá na realidade
 aquilo, que já se entende
 de uma puta, que se rende
 às porcarias de um Frade:

1. A referência é ao humanista Ambrogio Calepino, nascido por volta de 1440 e falecido em 1510. Segundo Manuppella (1962), em nota a Melo (1657), Calepinus, conforme seu nome latino, “tornou-se famoso por ter elaborado e publicado (Reggio Emília, 1502) um dicionário da língua latina que, embora bastante lacunoso e imperfeito, foi o modelo de outras obras lexicográficas posteriores (os chamados *calepinos*), sucessivamente melhoradas e ampliadas, até com o acréscimo da tradução das palavras latinas nas correspondentes francesas, inglesas, alemãs, etc. (MELO, Dr. Francisco Manuel de Melo. A visita das fontes. Apólogo dialogal terceiro. Edição fac-similada e leitura do autógrafo (1657), introdução e comentário por Giacinto Manuppella. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, 1962).

2. Conforme leitura proposta por Milton Marques Júnior, por ocasião da defesa de nossa qualificação para o doutorado, com a qual concordamos.

mas se não vê de verdade
 tanto lascivo exercício,
 é, porque cego do vício
não lhe entra no oculorum
o secula seculorum
de uma puta de ab initio.
 (OC, II, p. 338, grifo nosso).

Num outro uso do latim, pode, inclusive, rever a terminação de um nome português para fazer a galhofa com rima:

De fornicário em ladrão
 se converteu Frei Foderibus
 o lascivo em mulieribus.
 (OC, II, p. 324, grifo nosso).

3. Cena dois: o século XVIII

Editada pela primeira vez em 1752 e reeditada em 1778, a obra intitulada *A vaidade dos homens ou Discursos morais sobre os efeitos da Vaidade*, foi escrita por Matias Aires Ramos da Silva de Eça, nascido na capitania, depois província e hoje Estado de São Paulo, em 1705 (SACRAMENTO BLAKE, 1883-1902)³. Matias Aires escreveu obras em francês e em latim e também traduziu clássicos latinos. O título deste curioso livro de Mathias Aires fala por si. Nas palavras do editor Francisco Rolland, que prefacia o livro:

A mais funesta paixão da nossa alma, que ataca, e perturba a cabeça do homem, ofusca o seu entendimento, inflama o sangue, e faz com que o homem se esqueça do vil e desprezível nada de que foi formado, se não conheça, não conheça aos seus iguais, arrebatá-o, e o precipita em maiores desatinos, é a desagradável, medonha, inquieta, e pecaminosa vaidade. O homem possuído de vaidade [...] julga-se superior aos outros (p. III-IV).

Conhecedor da cultura clássica, várias são as menções no livro a personagens e personalidades do mundo antigo. Seja para questionar a História, quando conta o episódio lendário do cavalo de Troia: “Quantos pareceres tem havido sobre a Guerra de Troia? Uns querem que ela fosse verdadeira, outros dizem que não foi mais do que uma bem composta fábula.” Seja quando fala das diferentes hipóteses para a fundação de Roma. Para explicitar um argumento, evoca Júpiter, Vênus, Minerva, Narciso, e cita autores antigos para discutir uma ideia: Aristóteles, Ulpiano, Salústio, Tácito, Tito Lívio, Heródoto, Cícero, César, entre outros. Às vezes a citação é direta, utilizando uma máxima, como nesta sobre Plínio:

3. SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. 7 v. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902.

“Não se pode dizer deles o que Plínio louvou em Trajano, que *a fortuna nada havia mudado nelle*” ou Cícero: “Como diz Cícero que *convém ao Sábio afastar a Superstição da Religião...*”.

No *Prólogo*, o autor, desculpando-se por assinar um livro sobre vaidade, o que já seria um sinal de vaidade, o de ser autor, traz à tona suas credenciais de conhecedor experimentado da língua latina:

Mas se ainda assim fiz mal em formar das minhas reflexões um livro, já me não posso emendar por esta vez, senão comprometer que não hei de fazer outro. E esta promessa entro a cumprir já, porque em virtude dela **ficam desde logo suprimidas as traduções de Quinto Cúrcio e de Lucano. As ações de Alexandre, e César, que estavam brevemente para sair à luz no idioma português**, ficam reservadas para serem obras póstumas, e talvez que então sejam bem aceitas, porque os erros facilmente se desculpam em favor de um morto (Grifos nossos)⁴.

Encerra o prólogo uma saudação (*Vale.*) e uma citação do Eclesiastes (I, 2), em latim: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas (Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade)*. No transcorrer do livro, a Antiguidade é vista como um tema útil para discutir uma linha de raciocínio sobre a vaidade:

A vaidade nos ensina que as ações heroicas se fazem imortais por meio das narrações da história; porém mal pode caber na lembrança dos homens todos os grandes sucessos de que se compoem a variedade do mundo: ainda o mesmo pensamento tem limite, por mais que nos pareça imensa a sua esfera. Não há história que verdadeiramente seja universal: **quantos Aquiles terão havido, cujas notícias se acabaram, só porque não tiveram Homeros**, que as fizessem durar um certo tempo, e isto por meio do encanto de um poema ilustre? **Quantos Alexandres sem Quintos Cúrcios?**

Também chama a atenção para a vaidade com que, segundo o autor, nos valem ao escolhermos nomes inspirados no grego e no latim para designar novas coisas:

As notícias que alguns foram alcançando pela sucessão dos tempos, e que para as fazerem respeitáveis, e as conservarem em uma majestade primitiva, as foram **caracterizando com nomes pomposos, e pouco inteligíveis, uns latinos, outros gregos**, outros arábicos...

Em relação diretamente ao latim, o prefácio do editor se destaca, quando adverte sobre os usos excessivos da língua para impressionar e para vender uma ideia de sábio e erudito. Sendo esse o objetivo de se utilizar o latim, de se saber latim (?), qual seria a sua utilidade para a sociedade? É o questionamento do editor, já nos esclarecendo que é de longa data o uso de fórmulas memorizadas para causar a impressão de conhecimento ou para enfeitar um discurso:

... **aquele que só em fantasia sustenta toda a sua elevação é digno de censura**, é indigno da sociedade dos homens. Todos os membros da sociedade devem concorrer a unirem-se, a animarem-se, e a formarem-se úteis para que tudo lhes seja proveitoso. **E como poderá ser útil à sociedade aquele homem que, presumido de sábio, nada lhe faz que lhe convenha, mofa dos seus iguais, com uns poucos de títulos de livros engastados na cabeça, repetindo algumas passagens que à noite estudou, falando muito latim**, ferindo com agudo e danado dente no

4. Todos os grifos nas citações da obra de Matias Aires são nossos.

mais vivo da honra dos outros, tudo satiriza, as mais interessantes doutrinas mascara com o ridículo véu de pouco sólidas e verdadeiras. [...] Tanto mal faz a vaidade!

[...]

Por que causa se entrincheiram com este **armamento?** Para terem o nome vão de Sábios, de Virtuosos, de Religiosos. Para iludirem ao povo desaperecebido com estes fantasmas. Tão orgulhosa é a vaidade!

4. Cena três: o século XIX

Do século XIX, gostaríamos de folhear um jornal e alguma literatura. Consideramos, aqui, os trabalhos de pesquisa com edições do jornal carioca *A Semana*, realizados inicialmente por Camila Ferreiro (pesquisadora voluntária 2011-2012) e atualmente por Raul Oliveira Moreira (PIBIC 2013/2014) e Gustavo de Pádua Rodrigues Gonçalves (2014/2015).

No Jornal Carioca “A Semana”, lançado em 03 de janeiro de 1885 e tendo entre seus colaboradores nomes como Machado de Assis, Aloízio de Azevedo e Artur Azevedo, o conhecimento do latim é um sinal de distinção e de poder. Na edição nº 5, de 31 de janeiro de 1885, o suposto mau uso dos clíticos (hoje em uso cada vez mais frequente) é validado pelo Dr. Castro Lopes⁵, que é citado com todas as credenciais possíveis para marcar o seu lugar discursivo; uma das credenciais, a de latinista:

O folhetinista domingueiro do Jornal do Commercio, o conhecido microcosmographo C. de L., impugna valentemente a perniciosa inovação grammatical que o Dr. Castro Lopes, illustre medico-philologo-economista-**latinista**-poeta-comediographo-ex-candidato quis introduzir na lingoa, com o auxilio de outro grammatico importante, o Sr. Rozario.

Dizem esses dous senhores quo a expressão Mando acordar elles, longe de ser horroroso e grosseiro solecismo – é expressão correcta e boa, escoreita de qualquer pecha.

Do século XIX, contudo, na obra de Machado de Assis, encontramos, espalhadas por praticamente toda a sua obra, pistas do uso do latim para impressionar, numa espécie de crítica ao ensino da língua. Como o latim era a língua ainda de prestígio, mas já começando a concorrer com o francês, e era, pois, língua de estudo na escola, evidentemente desfilam na obra de Machado personagens que utilizam o latim. Sílvio Bernal realizou pesquisas sobre o tema como bolsista PIBIC (2012/2013) e propõe, em seu trabalho de mestrado, em desenvolvimento na Universidade Federal da Bahia, sob nossa orientação, uma análise dos usos do latim num Brasil do século XIX, a partir de obras de Machado. Os dados que apresentamos aqui foram por ele coletados sob nossa orientação.

Na obra *Dom Casmurro* (1989), do último quartel do século XIX, nos deparamos com a personagem Bentinho, que é, como se sabe, preparado desde menino por sua mãe para se tornar padre. Nesse contexto, encontrou-se diversas passagens ligadas ao estudo de latim no romance.

5. “Formou-se em 1848 e no ano seguinte já era professor de matemática no imperial Colégio Pedro II. Representante na assembléa, foi designado ministro das finanças em 1854 e das relações exteriores em 1859. **Traduziu e publicou Musa Latina, com traduções suas ao Latim de versos de Marília de Dirceu.**” Fonte: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/rio_de_janeiro/castro_lopes.html>.

No capítulo XXXI, que trata das curiosidades de Capitu, Bernal destaca um momento em que o narrador nos conta a respeito do que ela se interessava por aprender. Surge, então, uma representação do latim como uma língua de homens:

No colégio onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina, e obras de agulha, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda; por isso mesmo, quis que prima Justina lhe ensinasse. **Se não estudou latim** com o padre Cabral foi porque o padre, depois de lho propor gracejando, disse que **não era língua de meninas**. Capitu confessou-me que por essa razão acendeu nela o desejo de o saber. (...) (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 44).

No mesmo capítulo, revela-se a curiosidade de Capitu em relação aos retratos de personalidades famosas na sala de visitas. Aparece a figura do agregado José Dias, que não perdia oportunidade de demonstrar sua erudição, “fazendo uso do latim para dar pompa a sua retórica, inclusive citando, em latim, a famosa frase atribuída a Júlio César: *Até tu, Brutus?*” (BERNAL, 2012, p. 196):

... José Dias dava-lhe essas notícias com certo orgulho de erudito. A erudição deste não avultava muito mais que sua homeopatia de Cantagalo. Um dia Capitu quis saber o que eram as figuras da sala de visitas. O agregado disse-lho sumariamente, **demorando-se um pouco mais em César, com exclamações e latins:**

- César! Julio César! Grande homem! *Tu quoque, Brute?*

Capitu não achava bonito o perfil de César, mas as ações citadas por José Dias davam-lhe gestos de admiração (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 45).

Outra obra analisada foi *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), um romance também do final do século XIX e uma das obras mais conhecidas de Machado. Passemos a discutir alguns excertos.

Logo no capítulo XXIV, percebe-se “uma posição comum dada ao uso do latim, como elemento de cultura erudita; vê-se também a necessidade de se conhecer pelo menos o mínimo do considerado ‘essencial’ de cada uma das artes clássicas” (BERNAL, 2012, p. 194).

“... Não tinha outra filosofia. Nem eu. Não digo que a universidade me não tivesse ensinado alguma; **mas eu decorei só as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto. Tratei-a como tratei o latim; embolsei três versos de Virgílio, dois de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas de conversação.** Tratei-os como tratei a história e a jurisprudência. Colhi de todas as coisas a fraseologia, a casca, a ornamentação...” (MACHADO DE ASSIS, 1978, p. 54).

Nessa citação, observa-se um latim já encaixado como elemento acessório das elites, para o uso, como a própria personagem cita, “para as despesas de conversação”. Daí, a evidente necessidade de referência a Virgílio e a Horácio, dois dos maiores representantes da chamada fase de ouro do latim. Também percebe-se, através desse trecho, que “o latim poderia ser recorrente em meio às conversas entre pessoas mais instruídas”, e que o “saber latim” se fazia necessário em algumas ocasiões (BERNAL, 2012, p. 194).

Em *O Alienista* (1981), encontramos logo no capítulo II referências a autores latinos:

O Padre Lopes confessou que não imaginara a existência de tantos loucos no mundo, e menos ainda o inexplicável de alguns casos. Um, por exemplo, um rapaz bronco e vilão, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cícero, Apuleio e Tertuliano. O vigário não queria crer. Quê! Um rapaz que ele vira, três meses antes, jogando peteca na rua! (ASSIS, 2002, p. 5).

A passagem aqui liga-se aos chamados “discursos acadêmicos”; no caso, conforme se adverte, a citação diz respeito a “um rapaz que havia iniciado seus estudos há pouco e já se mostrava conhecedor dos escritos latinos”. Salienta-se aí, também, um outro tipo de funcionalidade do latim, “como meio de ascensão cultural, evidenciada na passagem da chamada transformação ‘inexplicável’ de um rapaz, antes considerado ‘bronco e vilão’, em alguém que agora fazia discursos com ‘recamos de grego e latim’”. Observa-se nesse trecho ainda a referência a Cícero, como representante do período de ouro do latim, e a autores do período pós-clássico e do eclesiástico, como Apuleio e Tertuliano, respectivamente (BERNAL, 2012, p. 193).

5. Cena quatro: o século XX

Ainda na procura de fontes para uma história social do latim no Brasil, Daniele Leitão (2011/2012) se dedicou a observar as ocorrências para “sabia latim” nas páginas da ferramenta de busca Google, com a extensão “.br”. Em seu trabalho, observou uma tendência ao destaque de usos do saber latim a grupos minoritários. Para Leitão, “o latim também era uma língua extremamente exclusivista, de apenas um gênero: o masculino, por ser considerada uma língua de difícil compreensão”.

Uma das ocorrências coletadas é “O bandido que sabia latim”. Apesar de se tratar de uma biografia do poeta Paulo Leminski, conhecido também por ter escrito poemas em latim, traz no título a referência ao biografado como *bandido*. Segundo Leitão,

há uma inversão de sentidos quando se usa a palavra *bandido* com um qualificativo restritivo ligado ao saber latim, pois como pode um bandido saber latim, se o que imaginamos como bandido se encontra às margens da sociedade?

Outra ocorrência analisada por Leitão diz respeito ao livro de contos *Mulher que sabe Latim*, de Mario Neme, que foi publicado no ano de nascimento de Leminski (1942). O título do livro faz referência a um provérbio português que diz: “Mula que faz Him! e mulher que sabe latim, raras vezes tem bom fim.” Entre as várias versões para o provérbio, encontram-se:

Mulher que fala latim e burra que faz “him!” sai-te para lá meu cavalim.
Foge da mulher que sabe latim e da burra que faz “im”.
Mulher que fala latim, burra que faz “him!” e carneiro que faz “mé!”, libera nos et dominé.
Pedros, burros velhos, terras por cima de regos, burra que faz “him!”.

Ou seja,

O latim traz poder para a mulher do conto de Mário Neme, pois ela não era como as outras esposas da sua época, subservientes ao seu esposo⁶.

A Ernestina do conto de Mário Neme era, nas próprias palavras do autor, uma “mulher de raça, mulher que sabe latim”.

Destaca-se, ainda, nas análises de Leitão, a ocorrência numa edição especial comemorativa dos 500 anos do Brasil, intitulada *Histórias do Brasil*: “Arquivo revela que Zumbi sabia latim”, que está registrada numa reportagem de Aureliano Biancarelli, da revista *Folha Online*. Para Leitão, um dos diversos pontos de vistas para a narração da história de Zumbi na reportagem está relacionado ao latim (que ele teria aprendido com o Padre Antônio de Melo), para talvez explicar o grande chefe que se tornou no séc. XVII. O site nos revela que o *Rei dos Palmares* fora batizado com o nome de Francisco e educado pelo padre Antonio de Melo. Segundo Biancarelli, a criança “mostrou engenho jamais imaginável na raça negra”. E continua: “quando cumpriu dez anos, já conhecia todo o latim que há mister, e crescia em português muito a contento.” Segundo Leitão,

O latim, em sua representação de supralíngua, no contexto da reportagem, aparece para justificar a inteligência, a precisão, o cálculo e o crescimento de um dos maiores líderes da classe negra na sociedade do século XVII.

E, já nos dirigindo para os dias de hoje, se o latim permanece, especialmente na Europa, como língua de publicação de obras literárias (podemos ler *Harry Potter – Harrius Potter*, em latim – e *O pequeno Príncipe – Regulus*), a literatura infantil brasileira também nos dá o título “O papagaio que falava latim”, uma obra de Tieloy, em que um papagaio, por falar latim (e aqui um latim de frases memorizadas), é apresentado como sábio, intelectual, erudito e inteligente.

6. Cena final: hoje

Sem o intento de aqui escrever conclusões – muitas delas foram sendo delineadas ao longo do texto –, preferimos apresentar uma pequena discussão sobre uma obra literária mais recente, em que o usuário do latim não impressiona mais pelo uso mnemônico de expressões ou por ser conhecedor de uma língua sem vinculá-la à cultura de que ela fez parte. Pelo contrário, aqui o usuário é o professor preso apenas à gramática, já sem a condição de impressionar ou de atrair o aluno para a aprendizagem da língua. Trata-se de um conto intitulado *Rosa, Rosa, Rosae* de Roberto Drummond⁷, em que observamos as representações do professor de latim de uma época em que a memorização dos casos era mais

6. Texto da comunicação apresentada no I Encontro de Estudos Clássicos da Bahia realizado em junho de 2012.

7. Agradecemos ao Prof. Paulo Sérgio de Vasconcellos pela indicação desta fonte: DRUMMOND, Roberto. *A morte de D. J. em Paris*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

importante do que o entendimento da língua e de seus textos. O humor no texto está justamente no uso de palavras portuguesas combinadas com as terminações latinas.

Rosa, Rosa, Rosae

Rosa, Rosa, Rosae na aula de latinorum do Prof. José Evangelistorum só as moscas voorum, ninguém piorum. Rosae, Rosa, Rosam por qualquer coisorum o Prof. José Evangelista relampeorum, trovejorum. A todos castigabus, gritava Violeta, Violetae, Violetorum escrever mil vezes vezorum nunca mais hei de mascar chicles chicletes chicletorum na aula de latinorum. Paulo Paulos Paulu ficabus de joelho lá na frente frentorum e se outra vez eu te pegorum, dominus, domine, domini, o Prof. José Evangelistorum a mesa esmurrorum na aula, aula, aulae de latinorum, como um Joe Louisorum, a mesa, mesa, mesae nocauteorum.

Calça, calça, calçae quase pega frangorum, cruz crudibus na lapela, o Prof. José Evangelista 12 anos passorum na soli, solidão, solidorum do seminário. Nunca ridibus, semper serius e de meia preta, o colarinho da camisa encardido encardidae, as pontas viradas, nos olhos duas olheiras cor de uma 6ª feira da Paixãozorum. Só de entrar na sala, lá vem El Tigre Tigrorum, todos tremorum, aos alunos fuzilorum com seu olhar de lobisomem lobisomorum e todos tremiam peronia seculo seculorum.

Mosca, mosca, moscae, onde o Prof. Evangelista idibus as moscas atrás voorum, zumbidorum, desrespeitorum querendo entrar no nariz, na boca, boca, bocorum do Prof. José Evangelistorum. Dominus, domine, domini, o Prof. José Evangelistorum as moscas abanorum, prudens, prudens, prudentis todos ficavam calados, mas no recreio, longe do olhar do lobisomorum, gritavam qui, quae, quod com as moscas ninguém pode.

[...]

Referências bibliográficas

A SEMANA. Periódico. Anno I. N°s 1 a 10. Director Valentin Magalhães. Rio de Janeiro, 1885.

AIRES, Mathias. *A vaidade dos homens ou Discursos morais sobre os efeitos da Vaidade*. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1778.

BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa. Cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha*. (ed. M.L.C. Buescu) Lisboa: Fac. de Letras da Univ. de Lisboa, 1971. Transcrição Z.O.N. Carneiro (PROHPOR). Corpus Histórico do Português Tycho Brahe. Versão Editada (a partir de texto-fonte com ortografia original)

BERNAL, Sílvio Wesley Rezende. *O uso e as representações do latim na obra de Gregório de Matos*. Trabalho apresentado no Seminário Estudantil de Pesquisa em Letras. Salvador: UFBA/SEPESQ, 2011. Resumo disponível em: <<http://www.sepesq2011.ufba.br>>, na aba *Anais*.

BERNAL, Sílvio. Análise dos usos e influências do latim na construção dos contos e romances de Machado de Assis. In: OLIVEIRA, Raul Oliveira; AMARANTE, Jose; LAGES, Luciene (orgs.). *Anais - I Encontro de Estudos Clássicos da Bahia*. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em: <<http://www.classicas.ufba.br>>.

BIANCARELLI, Aureliano. Arquivo revela que Zumbi sabia latim. In: *Folha On-line – Histórias do Brasil, Brasil 500*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/zumbi_13.htm>.

BURKE, Peter. *A arte da conversação*. Trad. Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Historia de la cultura escrita. Ideas para el debate. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. Dossiê "O Público e o Privado na Educação Brasileira". Campinas/SP: SBHE/Autores Associados. Jan/jun 2003, nº 5. p. 108-116.

CHARTIER, Roger. *Escribir las prácticas: discurso, práctica, representación*. Cuadernos de trabajo nº 2. Edición de Isabel Morant Deusa. España, Valência: Fundación Cañada Blanch, 1999.

DRUMMOND, Roberto. *A morte de D. J. em Paris*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

FERREIRO, Camila Borges da Silva. "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades": leituras de um periódico do século XIX, para uma história social do latim no Brasil. Trabalho apresentado no Seminário Estudantil de Pesquisa em Letras. Salvador: UFBA/SEPESQ, 2011. Resumo disponível em: <<http://www.sepesq2011.ufba.br>>, na aba *Anais*.

FERREIRO, Camila. Para uma história social do latim. In: OLIVEIRA, Raul Oliveira; AMARANTE, Jose; LAGES, Luciene (orgs.). *Anais - I Encontro de Estudos Clássicos da Bahia*. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em: <<http://www.classicas.ufba.br>>.

HANSEN, João Adolfo. *A Sátira e o Engenho*. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. 2ª ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2004 [1942].

LEITÃO, Danniele. *Análise das representações do saber latino nas 25 primeiras páginas com a ocorrência "sabia latim" na ferramenta de busca Google*. Trabalho apresentado no Seminário Estudantil de Pesquisa em Letras. Salvador: UFBA/SEPESQ, 2011. Resumo disponível em: <<http://www.sepesq2011.ufba.br>>, na aba *Anais*.

LEITÃO, Danniele. *Análise das representações sobre o escrever latim nas 25 primeiras páginas com a ocorrência "escrevia em latim" na ferramenta de busca do Google*. Trabalho apresentado no I Encontro de Estudos Clássicos da Bahia. In: LAGES, Luciene; AMARANTE, José (Orgs.). *I Encontro de Estudos Clássicos da Bahia. Livro de Resumos*. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em: <<http://www.classicas.ufba.br>>.

MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 1986.

MACHADO DE ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MACHADO DE ASSIS. *O alienista*. São Paulo: Ática, 2002.

MAIA, Clarinda. A consciência da dimensão imperial da Língua na produção linguístico-gramatical portuguesa. In: BRITO, Ana Maria (org.). *Gramática: história, teorias, aplicações*. Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Letras, 2010.

MELO, Dr. Francisco Manuel de Melo. *A visita das fontes*. Apólogo dialogal terceiro. Edição fac-similada e leitura do autógrafo (1657), introdução e comentário por Giacinto Manuppella. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigen-sis, 1962.

NEME, Mário. *Mulher que sabe latim*. São Paulo: Editora Flama, 1944.

OLIVEIRA, Fernão de [1536]. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática, por A. Torres e C. Assunção. Lisboa: Academia das Ciências, 2000.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. 7 v. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902.